



## Trabalho infantil é tema de entrevista coletiva

Aspectos históricos e culturais da exploração do trabalho infantil, a contextualização e as ações implementadas para o enfrentamento do problema foram assunto na noite de segunda-feira (25/10) da entrevista coletiva com a coordenadora de desenvolvimento de Programas e Projetos da Secretaria de Estado do Trabalho, Assistência Social e Economia Solidária de Mato Grosso do Sul, Marina Rosa de Sampaio Bragança. Os entrevistadores foram os estudantes do segundo ano de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). A atividade, inserida na programação da Mostra Sociedade Viva - Violência e Saúde, está vinculada à disciplina Técnica de Reportagem, Entrevista e Pesquisa Jornalística.

Marina Bragança fez um histórico da infância e da exploração do trabalho infantil no Brasil, com um recorte específico em Mato Grosso do Sul. “Muitas denúncias partiram daqui e muitos projetos também foram desenvolvidos primeiro em Mato Grosso do Sul. Por isso percebe-se que o Estado aparece com bastante importância nas estatísticas nacionais”, explicou. Um projeto que teve início em Mato Grosso do Sul - e hoje se tornou um programa de abrangência nacional com a participação de

recursos de organismos internacionais - é o PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil).

Para Marina, o grande problema no enfrentamento à exploração do trabalho infantil, seja doméstico, rural ou urbano, é a falta de compromisso e de determinação. “Quando se fala em criança e adolescente é preciso falar em políticas públicas - no plural - para que se possa dar conta de um atendimento transversal e integral, com foco na família”, avalia.

Respondendo às perguntas dos estudantes, Marina enfatizou várias vezes que a questão do trabalho infantil é complexa, porque tem aspectos não só econômicos, mas também culturais. “Aí é importante o papel da comunicação, para promover uma sensibilização da sociedade a partir das muitas reflexões que são necessárias”, considera.



## Palestra aborda violência contra crianças com necessidades especiais



“Violência e a criança com necessidades especiais” foi o tema de mini-curso realizado pela Secretaria Municipal de Saúde de Campo Grande na manhã de terça-feira (27/10), dentro da programação da Mostra Sociedade Viva – Violência e Saúde. O objetivo das atividades, que estão sendo realizadas desde segunda-feira (25) é iniciar a preparação dos profissionais, principalmente da Saúde, para que se possa fazer um levantamento, diagnóstico e planejamento de ações de combate à violência.

“O primeiro passo é sensibilizar os profissionais, porque, em Campo Grande a violência contra a criança é sub-notificada e sub-valorizada. Ou seja, sabemos que a violência existe, mas não temos idéia de quantos são os agressores, por exemplo, e do que isso pode representar no futuro”, explica o pediatra Virgílio Gonçalves, responsável pelo mini-curso.

De acordo com o médico, é preciso primeiro dimensionar o problema e depois integrar as ações das diversas áreas, principalmente as que estão nas frentes de atendimento (saúde, educação, segurança, assistência social, conselhos tutelares), para que se possa formar e fortalecer a rede de atendimento e proteção. “A violência é um problema de saúde pública”, afirma.

### Mais informação

Para a enfermeira Rosane Maia Gurgel Gonçalves, que trabalha no PSF (Programa Saúde da Família) da Mata do Jacinto, a participação nas palestras de sensibilização tem sido importantes para subsidiar o cotidiano do seu trabalho. “Nas visitas às famílias, a gente se depara com situações que são difíceis de resolver. Muitas vezes a gente tenta denunciar, mas cada setor fica restrito à sua área de atendimento e acaba não havendo resultado. Por isso é interessante ter mais informação e saber como agir na hora de enfrentar os problemas”, diz Rosane, apontando como situação ideal uma integração em rede de todas as áreas de atendimento.

## Crianças visitam espaço da Mostra Sociedade Viva

Eles têm, em média, entre 9 e 10 anos de idade e são alunos da terceira série da Escola Municipal Coronel Antonino. Muitos não conheciam o Centro Cultural José Octávio Guizzo, mas na manhã desta terça-feira, a turma trocou a sala de aula pelo espaço da Mostra Sociedade Viva - Violência Saúde.

Acompanhadas pela professora Fátima Coelho Batistoti e pela orientadora educacional Valdevina do Carmo Meza, as crianças visitaram todos os espaços da mostra e assistiram a um vídeo sobre a prevenção ao uso de drogas.

Com olhos curiosos e ouvidos atentos, receberam explicações sobre os trabalhos expostos, fizeram perguntas e também falaram a respeito das próprias experiências quando o tema se relacionava mais diretamente com o cotidiano deles. A maquete do Projeto Morrinho foi um dos trabalhos que mais chamou a atenção das crianças. “É nessa idade que se aprende mais, então é fundamental que eles tenham uma vivência assim, que é diferente, mas é ao mesmo tempo muito igual à realidade com que eles convivem. Por isso é bom conhecerem as ações de combate à violência”, avalia a orientadora Valdevina, falando sobre a importância da visita à mostra.

Para a pequena Taynara Diniz de Lima, 9 anos, a novidade não ficou só por conta da visita ao Centro Cultural: “Eu nunca tinha vindo aqui. Estou achando tudo muito legal, e também é importante as crianças discutirem e saberem essas coisas sobre violência, porque muitas vezes a gente pode estar em perigo”. E Taynara mostra que a exposição está conseguindo alcançar importantes objetivos: “Aqui a gente está vendo que se juntar todo mundo dá para fazer muita coisa, principalmente pelas crianças”.



## Adolescentes discutem sexualidade



Alunos de 5ª a 8ª séries da Escola Municipal Coronel Antonino, tiveram oportunidade de discutir temas referentes a sexualidade, além de trocar experiências e esclarecer dúvidas sobre o assunto, durante a programação da Mostra Sociedade Viva - Violência e Saúde, na tarde de quarta-feira (27/10).

A palestra Projeto Fala Galera realizada no Centro Cultural José Octávio Guizzo, ficou a cargo do educador-jovem Luciano Alves e da multiplicadora Priscila Alvina, ambos integrantes da equipe do CPJ (Centro de Protagonismo Juvenil). “Nós procuramos fugir da linguagem técnica e usar a linguagem própria dos jovens ao falar para eles de temas como doenças sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência, exploração e abuso sexual, não esquecendo também de lembrá-los de que são, potencialmente, geradores da paz”, explicou Luciano Alves.

Em sua fala, a multiplicadora Juliana – assim são chamados os jovens que passam adiante os conhecimentos adquiridos no CPJ – prendeu a atenção dos adolescentes ao dar detalhes sobre diferentes métodos contraceptivos, medidas preventivas, além de destacar aspectos da responsabilidade que é necessária aos jovens para a prática do sexo seguro. “Eu fiquei sabendo que muitos métodos para evitar a gravidez não são 100% seguros. Isso pra mim foi novidade”, revelou a estudante Angélica Cristina Alves de Paiva Luz, 13 anos.

A jornalista e coordenadora do Projeto Fala Galera, Adriana Varela, explicou que o CPJ é uma ONG que tem como objetivo estimular e fortalecer o protagonismo juvenil. “Nós queremos que os jovens se envolvam cada vez mais em questões relativas à fase que estão vivendo, que é a adolescência, entre estas a sexualidade”, afirmou. Ela disse também que o CPJ é o representante do MAB (Movimento dos Adolescentes Brasileiros), em Mato Grosso do Sul. O MAB atua em todo o país buscando a participação dos jovens nas áreas de saúde, meio-ambiente, políticas públicas, educação e cidadania, sempre sob a perspectiva do protagonismo juvenil.

# Mesa redonda discute papel da justiça e fortalecimento da rede de proteção



O efeito positivo junto à sociedade da responsabilização do agressor, nos casos de violência contra crianças e adolescentes, foi um dos destaques da mesa redonda que aconteceu no auditório do Cecap, quarta-feira (03/11), como parte da programação da Mostra Sociedade Viva - Violência e Saúde.

Participaram do debate a Juíza da 1ª Vara da Infância e Juventude, Maria Izabel de Matos Rocha, a Promotora de Justiça da Infância e Juventude, Ariadne Perondi, e a coordenadora do SOS Criança, Marli Tonetti, todas de Campo Grande (MS).

A promotora, ao levantar a questão relativa à responsabilização, afirmou que “isso funciona como um incentivo à mobilização da sociedade através da denúncia”. Ela explicou ainda como age a promotoria ao apresentar os casos à justiça: “É preciso apresentar laudos, provas, testemunhas, ou seja ‘estruturar o caso’, o que facilita que os juízes sentenciem, uma vez que estes só agem se forem provocados”.

A alegação comum de que a morosidade da justiça é responsável pela demora na resolução dos casos foi comentada pela juíza Maria Izabel, que argumentou: “Não é só a Justiça que é morosa. Toda a rede de proteção é muito lenta, em função de vários fatores”. Como exemplo, ela citou a estrutura insuficiente dos conselhos tutelares que não têm como atender prontamente a todas as situações que acontecem. Ao abordar a visão cultural da violência doméstica praticada contra crianças e adolescentes, a juíza afirmou que “a tendência é minimizar a importância deste tipo de ocorrência porque ela é domiciliar, o que sugere que ninguém tem o direito de interferir. Isto não é verdade. A responsabilidade da denúncia cabe a qualquer pessoa, daí a necessidade do envolvimento de toda a sociedade”. A juíza finalizou apontando a dificuldade que ainda existe para a realização do trabalho em equipe: “Nós não sabemos trabalhar em equipe porque nós não aprendemos isso. Precisamos fazê-lo urgentemente”.

Ao comentar o que pode ser feito no sentido de combater a fragilidade da rede de proteção e garantia de direitos de crianças e adolescentes a promotora da infância destacou a importância dos conselhos tutelares: “O conselho tutelar é a mola mestra capaz de promover o fluxo de funcionamento da rede. É ele que vai determinar os encaminhamentos necessários em cada caso e, portanto, precisa de uma ação articulada”.

## ***Oficina orienta professores sobre protagonismo juvenil***

O que é um adolescente problemático? Como é a relação que o professor estabelece com o aluno adolescente? Qual o papel da escola na formação pessoal do adolescente?

Foi a partir desses questionamentos, que resultaram do depoimento dos próprios professores, que a psicóloga Ana Paula Torres, do IBISS-CO (Instituto Brasileiro de Inovações pró-Sociedade Saudável - Centro Oeste), trabalhou o tema Protagonismo Juvenil, na oficina Projeto Previna Galera, que foi uma das atividades de quarta-feira (03/11) na Mostra Sociedade Viva - Violência e Saúde.

A oficina reuniu professores de escolas municipais, que trabalham com alunos de 5ª a 8ª série. Utilizando várias dinâmicas, a psicóloga partiu



da exposição das experiências dos professores para discutir conceitos e abordagens que acabam se manifestando em problemas no cotidiano da escola. Ana Paula Torres é também coordenadora do Projeto Previna Galera, que trabalha com adolescentes de 9 a 17 anos do bairro Zé Pereira.

## ***Núcleo municipal de combate à violência e notificação de casos são tema de palestra***

A implantação do Núcleo Municipal de Combate à Violência foi um dos temas debatidos durante palestra dirigida a profissionais de saúde de Campo Grande. O evento serviu ainda para apresentação da ficha para notificação de casos de violência contra crianças e adolescentes, pela coordenadora de Programas de Saúde da SESAU (Secretaria Municipal de Saúde), Jussara Martins Baptista, e da pedagoga do CAE (Centro de Atendimento ao Escolar), Maria Sueli Mendes Nogueira. A palestra aconteceu no Centro Cultural José Octávio Guizzo, como parte da programação de 04/11 da Mostra Sociedade Viva - Violência e Saúde.

O objetivo de reunir profissionais que prestam atendimento a crianças e adolescentes vítimas de violência foi sensibilizá-los quanto à importância do preenchimento da ficha de notificação.

“É preciso que o profissional de saúde se envolva com a causa das crianças e adolescentes vítimas de violência, porque muitas vezes, ele pode ser a única pessoa capaz de ajudá-las”, afirmou Maria Sueli.

A coordenadora dos programas de saúde falou a respeito do Núcleo de Combate à Violência, que se encontra em fase de implantação na capital e será de responsabilidade da prefeitura. “O Núcleo é municipal, mas ele vai contar com a participação de entidades que são estaduais, como por exemplo, a Secretaria de Estado de Saúde. Nós vamos funcionar à base de parcerias”, explicou. Ela falou ainda a respeito do “fluxo” que a ficha de notificação vai percorrer até chegar ao órgão competente para adotar as medidas necessárias, destacando que, “quando o caso for urgente, os conselhos tutelares e o SOS Criança serão notificados via fax”.

## **Pesquisadora estuda a violência em Campo Grande**

“É preciso dar visibilidade à real dimensão do problema aqui em nossa cidade. Fomentar o debate é a melhor forma de despertar a consciência da sociedade para o fato de que a violência não está distante daqui, como pensa a maioria. Daí a importância de Campo Grande sediar eventos como a Mostra Sociedade Viva – Violência e Saúde, que possibilita essa discussão”, afirma a psicóloga e pesquisadora Maria Cristina Abrão Nachif.

A psicóloga escolheu o tema “A violência como problema de saúde pública no município de Campo Grande / MS – Um estudo da mortalidade por homicídio” para a pesquisa que fundamentará sua tese de doutoramento em saúde pública pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, através do convênio Rede Centro-Oeste do qual também fazem parte a UnB (Universidade de Brasília), UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso) e a FMGO (Universidade Federal de Goiás).

A pesquisadora diz que é possível traçar um perfil preliminar das vítimas mais frequentes: “São meninos, com idade entre 15 e 20 anos, de baixa escolaridade, solteiros, desempregados e moradores da periferia da cidade”, afirma. A pesquisa revela ainda que, em Campo Grande, a maioria dos homicídios ocorre em via pública, entre 22 horas e meia-noite. As armas de fogo são as mais utilizadas. Com a pesquisa, Cristina pretende contribuir com subsídios para a elaboração de políticas públicas de prevenção e combate à violência.

A cobertura da Mostra Sociedade Viva é uma atividade do Departamento/Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. A ação é articulada pelo projeto “A Comunicação como Estratégia para o enfrentamento da violência Sexual contra crianças e adolescentes”. O material produzido (textos e fotos) são disponibilizados no site Caminhos ([www.caminhos.ufms.br](http://www.caminhos.ufms.br)).

Ficha técnica:

**Textos e fotos:** Vanda Moraes e Márcia Cabral Dietrich (acadêmicas do quarto ano de jornalismo) - **Coordenação do Projeto “A Comunicação como estratégia...”** e **editor do Caminhos:** Edson Silva, professor de reportagem. - **Coordenação pedagógica do curso de jornalismo:** Prof. Jorge Ijuim - **Chefe do Departamento de Jornalismo:** Marcelo Cândia